

Grigory Sokolov

23 ABRIL 2017



GULBENKIAN
MÚSICA

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Joalheiros há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Muito mais de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO


pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Grigory Sokolov Piano

Wolfgang Amadeus Mozart

Sonata para Piano n.º 16,
em Dó maior, K. 545

Allegro

Andante

Rondo: Allegretto

Fantasia em Dó menor, K. 475

Sonata para Piano n.º 14,
em Dó menor, K. 457

Molto allegro

Adagio

Allegro assai

Ludwig van Beethoven

Sonata para Piano n.º 27,
em Mi menor, op. 90

*Mit Lebhaftigkeit und durchaus mit Empfindung
und Ausdruck*

(Com vivacidade e sempre com sentimento
e expressão)

Nicht zu geschwind und sehr singbar vorgetragen
(Moderado e sempre *cantabile*)

Sonata para Piano n.º 32,
em Dó menor, op. 111

Maestoso – Allegro com brio ed appassionato
Arietta: Adagio molto semplice e cantabile

INTERVALO

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 20 min.

Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756
Viena, 5 de dezembro de 1791

Sonata para Piano n.º 16, em Dó maior, K. 545

COMPOSIÇÃO: 1788
DURAÇÃO: c. 12 min.

Fantasia em Dó menor, K. 475

COMPOSIÇÃO: 1785
DURAÇÃO: c. 13 min.

Sonata para Piano n.º 14, em Dó menor, K. 457

COMPOSIÇÃO: 1784
DURAÇÃO: c. 25 min.

A par com as Sonatas em Dó menor, K. 457, em Fá maior, K. 533, em Si bemol maior, K. 570 e em Ré maior, K. 576, a **Sonata em Dó maior, K. 545**, integra o derradeiro grupo de sonatas para tecla de Wolfgang Amadeus Mozart, tendo sido concluída em 1788. Mozart conferiu a esta sua sonata uma sonoridade leve e radiosa, em sintonia com o estilo galante que então se impunha, cada vez mais, nos círculos da *Hausmusik*. Face à produção orquestral coeva, a qual encerra o corolário constituído pela Sinfonia em Mi bemol maior, K. 543, e as Sinfonias em Sol menor, K. 550, e em Dó maior, K. 551, “Júpiter”, a presente Sonata em Dó menor individualiza-se pelo pendor espontâneo e intimista, em marcado contraste com os enunciados altamente elaborados das páginas sinfónicas. Dir-se-ia que Mozart procurou na obra uma compensação emocional para os desafios artísticos que o envolveram na última fase da sua carreira, época em que já se anunciava o dealbar do Romantismo, com os seus rasgos característicos de dramatismo e tensão induzidos por um conjunto lato de acontecimentos de natureza social, política

SONATA FACILE

Köchel Nr. 545

16

Allegro

(mf)

(stacc)

(f)

(stacc)

(mf)

(f)

e de mentalidades. É, pois, uma linha melódica dotada de simplicidade e periodicidade, aquela que emerge no *Allegro* inicial, apoiado, como muitas vezes acontece nas obras para tecla de cunho galante, sobre o chamado baixo de Alberti, fórmula de acompanhamento forjada pelo cravista italiano Domenico Alberti (c.1710-1746) durante o período Barroco, mas somente generalizada a partir da época pré-clássica, como componente de uma estética musical centrada na expressividade melódica. A mesma fórmula serve de base ao *Andante* central, andamento voltado para a anterioridade e para a reflexão, envolto num clima de confiança pueril, naquilo que de melhor o ser humano é capaz. A inflexão no modo menor traz, contudo, algum sentimento de interrogação ante o futuro, como se Mozart pressentisse, de alguma forma, que a vida nem sempre reluz ao sabor de eventos felizes e previsíveis. Uma animada forma de sonata-rondó subjaz ao último andamento, caracterizada pela alternância entre o expansivo refrão e um conjunto de coplas com cariz harmónico mais variado.



VISTA DE VIENA (c. 1800). PARQUE PRATER © DR

Concluída em maio de 1785, cerca de meio ano após a conclusão da emblemática Sonata em Dó menor, K. 457, a **Fantasia em Dó menor, K. 475**, partilha com esta última obra o mesmo sentimento introspetivo e a tendência para destacar diferentes matizes emocionais, à luz de um discurso pianístico de grande delicadeza e sentido expressivo. São, sem dúvida, dois exemplos da produção para tecla de Mozart que preconizam o pianismo romântico na sua vertente mais pessoal e intimista. Tal como a Sonata K. 457, a partitura da Fantasia K. 475 foi dedicada a Theresa von Trattner, esposa do conhecido editor vienense Johann Thomas Edler von Trattner. A ligação à tradição da fantasia barroca, com a qual Mozart tomou contacto através da biblioteca do barão Gottfried van Swieten, faz-se nesta obra pela sucessão de variadíssimas células melódicas e rítmicas que parecem derivar da improvisação, sempre apoiadas no jogo constante de harmonias. Do ponto de vista da forma, a obra emula também os modelos arcaicos, fazendo suceder secções contrastes que vão do lirismo eloquente ao dramatismo intenso.

Poucos meses após o seu estabelecimento definitivo em Viena, Mozart concluiu, em outubro de 1784, a **Sonata em Dó menor, K. 457**, obra com que retomou o fio de composição de sonatas para piano, após um hiato de seis anos. Apesar de se revestir da mesma estrutura formal da anterior Sonata em Si bemol maior, K. 333, a Sonata K. 457 revela uma linguagem idiomática claramente distinta, de pendor dramático. O primeiro andamento, *Molto allegro*, introduz, em tom inquiridor, um tema ascendente, desprovido de harmonia, logo sucedido pela resposta, com acompanhamento em terceiras paralelas. Em tom recolhido e sereno, sucede-se o *Adagio* central, na tonalidade relativa de Mi bemol maior. O andamento impõe-se pela beleza da sua escrita melódica, assim como pela diversidade dos matizes harmónicos. O esforço mais vincado de inovação torna-se patente no último andamento, *Allegro assai*: a essência das suas linhas sonoras trágicas e angustiadas não se encontra, com efeito, distante do *pathos* que viria a caracterizar a futura Sonata *Patética* de Beethoven, composta também na tonalidade de Dó menor.

Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770

Viena, 26 de março de 1827

Sonata para Piano n.º 27, em Mi menor, op. 90

COMPOSIÇÃO: 1814

DURAÇÃO: c. 15 min.

Sonata para Piano n.º 32, em Dó menor, op. 111

COMPOSIÇÃO: 1822

DURAÇÃO: c. 30 min.

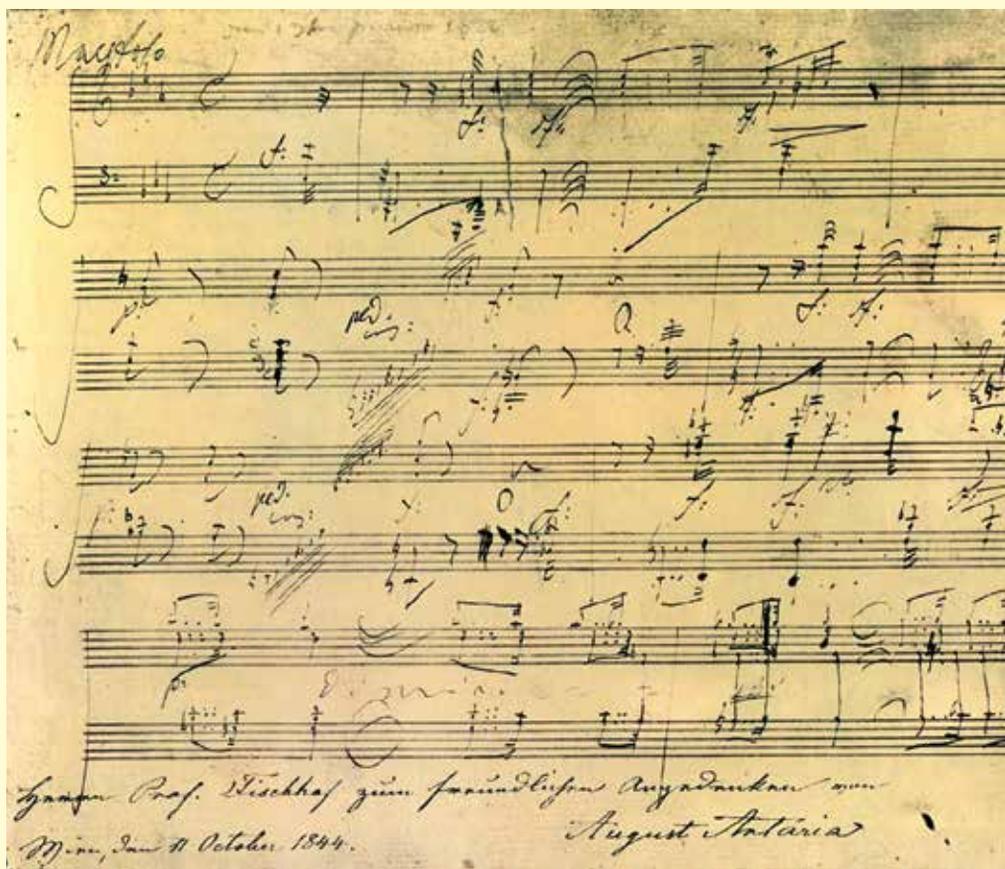


BEETHOVEN COMPOUNDO AO PIANO - GRAVURA COLORIDA © DR

A Sonata n.º 27, em Mi menor, op. 90, concluída em 1814, é uma das partituras que melhor atestam o esforço criativo de Ludwig van Beethoven num período dominado, sobretudo, pela revisão e pelo arranjo de obras elaboradas anteriormente, entre as quais a ópera *Leonore* e as *Canções populares*, op. 108. O desenho formal desta sonata, com apenas dois andamentos, mostra o ensejo de inovar os horizontes da sonata clássica, ao mesmo tempo que estabelece um precedente importante para a futura Sonata n.º 32, em Dó menor, op. 111, obra que se lhe segue no presente programa. No caso da Sonata op. 90, a estrutura bipartida parece ter sido inspirada por um acontecimento extramusical: as segundas núpcias do conde Moritz von Lichnowsky irmão do mecenas Karl von Lichnowsky, a quem o músico dedicara as Sonatas em Dó menor, op. 13, *Patética* (1799) e em Lá maior, op. 26 (1801). Segundo o biógrafo Anton Schindler, o primeiro andamento foi intitulado, originariamente, *Kampf zwischen Kopf und Herz* (“Combate entre a cabeça e o coração”), numa alusão à hesitação do conde entre a permanência no estado de viuvez em que se encontrava e o começo de uma

nova e arrebatada relação amorosa. Moritz von Lichnowsky optou por romper com o código moral vigente, vindo a casar-se com a cantora de ópera Josephine Stummer, de quem teve uma filha, precisamente em 1814. Também de acordo com Schindler, esta nova etapa da sua vida é descrita por Beethoven no segundo andamento, cuja designação inicial era *Conversation mit der Geliebten* (“Conversa com a bem-amada”). As declarações mútuas dos amantes são representadas neste andamento pela oposição de trilos simultâneos nas mãos direita e esquerda, gerando-se um efeito de continuidade. Schindler fez notar ainda que “considerações compreensíveis impediram Beethoven de publicar a obra com estes títulos”, pelo que, para a posteridade, apenas ficaram as indicações de andamento. A publicação foi realizada pelo editor Steiner de Viena, em 1815, com a dedicatória ao conde Moritz von Lichnowsky.

Seis anos após a conclusão da Sonata em Mi menor, op. 90, Beethoven encetava conversações com o editor berlinense Adolf Martin Schlesinger no sentido de preparar a publicação



AUTÓGRAFO DA SONATA N.º 32, OP. 111, BEETHOVEN-HAUS © DR

de três sonatas de larga escala, as quais se viriam a tornar o corolário da sua escrita para tecla. Após finalizar a Sonata n.º 30, em Mi maior, op. 109, durante o verão de 1820, o músico principiou a composição da Sonata n.º 31, em Lá bemol maior, op. 110, dando continuidade, paralelamente, aos esboços da derradeira Sonata n.º 32, em Dó menor, op. 111, obra que veio a concluir somente em janeiro de 1822. Saída da estampa de Schlesinger em abril do ano seguinte, a Sonata em Dó menor, op. 111 impôs-se, na época, como exemplo de transformação da linguagem da sonata, rumo a um patamar ainda não explorado de sentimentos e emoções. Apesar de todo o seu caráter inovador, a obra mantém elos com o passado, visíveis, por exemplo, nos

ritmos ponteados da abertura francesa do primeiro andamento, *Maestoso – Allegro con brio ed appassionato*. A marcha impetuosa do tema principal domina todo o andamento, num crescendo de complexidades rítmicas e harmônicas que servem de esconderijo às mais veementes e tumultuosas interrogações existenciais. Já o segundo andamento se apresenta como uma espécie de solução de compromisso entre o andamento lento e o *Finale* da sonata convencional, assentando num processo gradual e inexorável de dinamização rítmica e motívica que chega a dissolver por completo o sentido da indicação inicial de andamento.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Grigory Sokolov

Piano



GRIGORY SOKOLOV © DR

Grigory Sokolov nasceu na cidade de Leningrado (agora São Petersburgo) em 1950. Estudou com Liya Zelikhman e Moisey Khalfin no Conservatório de Leninegrado e estreou-se em recital em 1962. Depois de vencer o Concurso Tchaikovsky de Moscovo, em 1966, realizaria um extraordinário percurso artístico que lhe conferiria um estatuto apenas reservado às grandes figuras. Volvidos cinquenta anos, é hoje considerado por muitos como o maior pianista vivo, continuando a surpreender o público com o fôlego do seu repertório e com o poder da sua musicalidade. Os conhecedores da sua arte sentem-se particularmente atraídos pela naturalidade da sua postura interpretativa e pelo seu credo artístico.

A forma de tocar de Grigory Sokolov não se confunde com a influência dos mestres do passado, sendo o seu estilo inteiramente individual e único. Uma *Tocata* de Bach, uma *Mazurca* de Chopin ou um *Prelúdio* de Ravel soam como surpreendentemente novos e até uma muito tocada *Sonata* de Beethoven pode ser redescoberta em cada nova interpretação. Além

do vasto repertório que interpreta, deu sempre grande importância ao conhecimento profundo do próprio piano e antes de se sentar à frente de um instrumento que lhe seja estranho faz questão de o “desmontar nas suas peças”, explorando ao pormenor as suas potencialidades técnicas e a sua sonoridade. Estuda diariamente muitas horas e mesmo no dia de um concerto pratica intensivamente no palco. Não surpreende assim que prefira gravar os seus discos ao vivo, uma vez que gosta de capturar os momentos únicos de um concerto, evitando a atmosfera estéril de um estúdio. Nesse sentido, realizou várias gravações ao vivo para as editoras Melodya e Opus 111 que incluem obras de J. S. Bach, Beethoven, Brahms, Chopin, Rachmaninov, Prokofiev, Schubert, Schumann, Scriabin e Tchaikovsky. Convidado a atuar nas mais prestigiadas salas de concerto e festivais em todo o mundo, há vários anos que Grigory Sokolov é também uma presença assídua no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian. Com o presente recital completa uma série de oito recitais em oito temporadas consecutivas.

Apoiar a cultura

pwc

A PwC, enquanto Mecenas do Ciclo de Piano da Temporada Gulbenkian Música, tem honra em apoiar a cultura, incentivando a divulgação da música clássica.



Conheça-nos melhor
em www.pwc.pt



[/pwc.pt](https://www.facebook.com/pwc.pt)



[/company/pwc-portugal](https://www.linkedin.com/company/pwc-portugal)

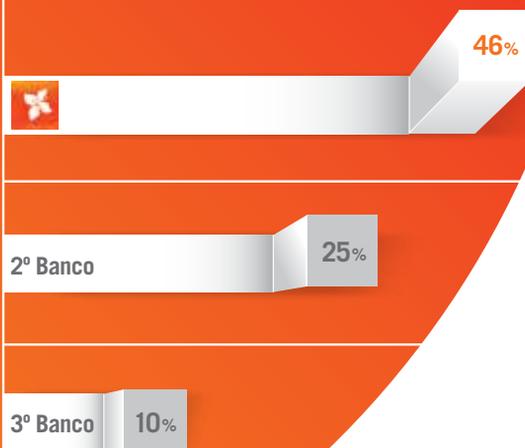
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
500 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2017

